



## PRÓLOGO

O Rei do Verão ajoelhou-se diante dela.

– É isso que você escolhe, por livre e espontânea vontade: arriscar-se ao frio do inverno?

Ela o observou – o garoto por quem estivera apaixonada nas últimas semanas. Nunca sequer sonhara que ele fosse algo além de humano, mas agora sua pele brilhava como se houvesse chamas crepitando logo abaixo da superfície, tão estranho e belo que ela não conseguia tirar os olhos.


– É o que eu quero.

– Você entende que, se não for a escolhida, carregará o frio da Rainha do Inverno até que a próxima mortal se arrisque a isso? E você a alertará para que não confie em mim? – Parou de falar, fitando-a com dor nos olhos.

Ela assentiu.

– Se ela não me aceitar, você dirá à próxima garota, e à próxima – ele se aproximou –, e somente quando uma delas aceitar, você se libertará do frio.

– Eu estou ciente disso. – Ela sorriu da maneira mais confiante que pôde, e então se encaminhou para o arbusto cheio



---

de espinhos. As folhas lambiam seus braços à medida que se abaixava, até que alcançou o chão.

Seus dedos exploraram o bastão da Rainha do Inverno. Era um objeto simples e desgastado, como se incontáveis mãos houvessem tocado sua madeira. Era nessas mãos, nessas outras garotas que haviam estado onde ela agora estava, que não queria pensar.

Ela se ergueu, esperançosa e temerosa.

Atrás dela, ele se aproximou. O agitar das árvores tornou-se quase ensurdecedor. O brilho que emanava de sua pele, de seus cabelos, se intensificou. A sombra dela estendia-se no chão à sua frente.

Ele sussurrou:

– Por favor, permita que seja ela a escolhida...

Ela ergueu o bastão da Rainha do Inverno – e esperou. Por um momento, chegou a acreditar, mas então o gelo a penetrou, preenchendo-a como se houvesse cacos de vidro em suas veias.

Ela gritou o nome dele:

– Keenan!

Ela cambaleou em sua direção, mas ele se afastou, sem brilhar, sem olhar para ela.

Agora estava sozinha – com apenas um lobo para lhe fazer companhia –, esperando para poder dizer à próxima garota que seria uma tolice amá-lo, confiar nele.



# CAPÍTULO 1



PROFETAS, ou Homens que têm a SEGUNDA VISÃO... têm Encontros muito assustadores com [as CRIATURAS MÁGICAS, que eles chamam de *Sleagh Maith*, ou o Povo Bom].

– *A comunidade secreta*,  
Robert Kirk e Andrew Lang (1893)

– Bola 4 na caçapa lateral. – Aislinn manejou o taco com um movimento curto e rápido; a bola entrou na caçapa com um satisfatório “tlec”.

Seu parceiro de jogo, Denny, indicou uma jogada mais difícil: acertar uma bola na caçapa usando a tabela.

Ela revirou os olhos.

– O que foi? Está com pressa?

Ele apontou com o taco.

– Certo. – *Foco e controle, é disso que se trata*. Ela encaçapou a bola dois.

Ele assentiu uma vez, o mais próximo que chegava de um elogio.



Aislinn contornou a mesa, parou e passou giz no taco. Ao seu redor, os sons de bolas colidindo, risadas abafadas, até mesmo a interminável sequência de country e de blues que vinha da jukebox mantinham-na consciente do mundo real: o mundo humano, *seguro*. Não era o único, não importava o quanto desejasse que fosse. Mas ele só ocultava o outro mundo – o horrendo – por alguns breves instantes.

– Três, caçapa do canto. – Deslizou o taco. Foi uma boa jogada.

*Foco. Controle.*

Depois sentiu: o ar morno em sua pele. Um sopro quente e encantado em sua nuca, cheirando seus cabelos. O queixo pontudo dele contra sua pele. Nem toda a concentração do mundo tornava tolerável ser o alvo da atenção de Cara Pontuda.

Ela espirrou a tacada: a única bola a cair na caçapa foi a branca.

Denny pegou a bola.

– O que aconteceu?

– Dei mole? – Forçando um sorriso, olhou para Denny, para a mesa, para qualquer lugar, menos para a horda que entrava pela porta. Até mesmo quando desviava o olhar podia ouvi-los: gargalhando e gritando, os maxilares cerrados e batendo as asas, uma cacofonia da qual não conseguia escapar. Andavam em bandos agora, de alguma forma mais livres à medida que a tarde caía, invadindo seu espaço, pondo fim a qualquer chance que ela pudesse ter de encontrar paz.

Denny não a encarou, não fez perguntas difíceis. Apenas gesticulou para ela que se afastasse da mesa e gritou:

– Gracie, toque alguma coisa para Ash.

Na jukebox, Grace escolheu uma das músicas que não eram nem country nem blues: “Break Stuff”, do Limp Bizkit.

À medida que a letra estranhamente reconfortante ia ganhando força naquela voz rouca, atingindo uma fúria de embrulhar o estômago, Aislinn esboçava um sorriso. *Se eu pudesse esquecer assim, deixar que os anos de agressão jorrassem sobre as criaturas...* Ela deslizou a mão pela madeira lisa do taco, observando Cara Pontuda girando ao redor de Grace. *Eu começaria por ele. Aqui e agora.* Mordeu o lábio. É claro, todos pensariam que ela havia enlouquecido de vez se começasse a balançar seu taco na direção de corpos invisíveis – todos menos os seres encantados.

Antes que a música houvesse acabado, Denny arrumara a mesa.

– Legal. – Aislinn foi até o suporte para os tacos e deslizou o seu para um dos lugares vagos. Atrás dela, Cara Pontuda deu uma risada alta e estridente, e arrancou dois fios de seu cabelo.

– Guardo tudo de novo? – Mas o tom de voz de Denny revelou o que não disse: que ele já sabia a resposta mesmo antes de perguntar. Não sabia o motivo, mas conseguia perceber os sinais.

Cara Pontuda deslizou os fios do cabelo dela pela cara. Aislinn limpou a garganta.

– Vamos remarcar?

– Claro. – Denny começou a arrumar o taco para guardá-lo. Os parceiros mais frequentes nunca comentavam as estranhas mudanças repentinas de humor dela ou seus hábitos inexplicáveis.



Ela se afastou da mesa, murmurando despedidas no caminho, evitando encarar os seres encantados. Eles desalinham as bolas, esbarravam nas pessoas – qualquer coisa para causar confusão –, mas não haviam cruzado seu caminho esta noite. Ainda não. Na mesa mais próxima à porta, ela parou.

– Vou cair fora.

Um dos caras se ergueu após uma bela tacada combinada, esfregando seu cavanhaque e alisando o cabelo grisalho.

– Já está na hora, Cinderela?

– Sabe como é: vá para casa antes que o sapato caia. – Ela ergueu o pé, calçado com um tênis surrado. – Melhor não ser uma tentação para os príncipes.

Ele deu um risinho e se virou novamente para a mesa.

Uma criatura de olhos arregalados moveu-se ao longo do recinto; esquelética, com muitas articulações aparentes, era ao mesmo tempo comum e deslumbrante. Seus olhos eram grandes demais para o rosto, o que lhe dava um ar assustado. Aliados ao corpo magérrimo, os olhos faziam-na parecer vulnerável, inocente. Mas não era.

*Nenhum deles é.*

A mulher na mesa ao lado de Aislinn bateu as cinzas de seu cigarro em um cinzeiro já transbordante.

– Vejo você no próximo fim de semana.

Aislinn assentiu com a cabeça, tensa demais para responder.

Em um movimento muito rápido, Olhos Arregalados projetou uma fina língua azul em uma criatura mágica de aparência endiabrada, que recuou, mas um rastro de sangue já escorria de sua bochecha. Olhos Arregalados deu uma risadinha.

Aislinn mordeu o lábio com força, e agitou a mão em um último aceno para Denny. *Foco*. Ela lutou para manter um andar calmo e tranquilo, tudo que não se sentia.

Ela saiu, os lábios firmemente fechados para que não pronunciassem palavras perigosas. Quis falar, quis dizer às criaturas mágicas que fossem embora para que ela não fosse obrigada a ir, mas não podia. *Nunca*. Se falasse, descobririam seu segredo: saberiam que ela podia vê-los.

A única forma de sobreviver era manter esse segredo; vovó tinha ensinado essa regra a ela antes mesmo que pudesse escrever seu nome: *mantenha a cabeça abaixada e a boca fechada*. Embora achasse errado ter que esconder isso, se sequer considerasse se rebelar, a avó a trancafiaria – seria educada em casa, não poderia jogar sinuca, frequentar festas, perderia sua liberdade e não veria Seth. Ela já havia passado por essa situação por tempo suficiente durante o ginásio.

*Nunca mais*.

Então, com a raiva sob controle, Aislinn tomou a direção do centro da cidade, para a relativa segurança das barras de ferro e das portas de aço. Tanto na forma primitiva, quanto alterado para uma forma mais pura de aço, o ferro era venenoso para as criaturas mágicas – e gloriosamente reconfortante para ela. Apesar dos seres encantados que andavam pelas ruas, Huntsdale era seu lar. Ela visitara Pittsburgh, dera umas voltas em Washington, D.C., explorara Atlanta. Eram lugares legais, mas muito vicejantes, muito vivos, muito cheios de parques e árvores. Huntsdale não era vicejante. Já não o era havia anos. Isto significava que as criaturas mágicas também não vicejavam por aqui.

Havia baderna na maioria dos becos e alcovas pelos quais passava, mas nunca era tão ruim quanto o choque entre



grupos de criaturas mágicas ocorrido no shopping em D.C. ou o que aconteceu no jardim botânico de Pittsburgh. Ela tentava se consolar com esse pensamento enquanto andava. Havia menos criaturas mágicas aqui – menos pessoas também.

*Menos é mais.*

As ruas não estavam vazias: as pessoas estavam concentradas nos próprios problemas, fazendo compras, andando, sorrindo. Era mais fácil para elas, que não haviam visto a criatura azul que encontrara vários seres alados atrás de uma janela suja; nunca assistiram às criaturas mágicas correndo ao longo das linhas de energia como se fossem leões, derrubando umas às outras, e pousando em uma mulher alta de dentes tortos.

*Ser cega assim...* Esse era um desejo que Aislinn alimentara a vida inteira. Mas *desejar* não mudava a realidade. E mesmo que pudesse, de alguma forma, parar de ver as criaturas mágicas, não se pode simplesmente esquecer uma verdade que já se conhece.

Ela pôs as mãos nos bolsos e continuou andando, passando por uma mãe com suas crianças visivelmente exaustas, por janelas de lojas com camadas de gelo acumuladas, pela lama cinzenta que já se congelara por toda a rua. Estremeceu. O inverno aparentemente sem fim já havia começado.

Passava pela esquina da Harper com a Terceira – *quase lá* – quando *eles* saíram de um beco: os mesmos dois seres encantados que a vinham perseguindo pelas duas últimas semanas. A menina tinha longos cabelos brancos que flutuavam como espirais de fumaça. Seus lábios eram azuis – não como o azul de um tom de batom, mas um azul cadavérico. Usava uma saia de couro marrom já gasta, costurada com





cordões grossos, e ao seu lado havia um enorme lobo branco, em que ela ora se apoiava, ora montava. Quando a outra criatura mágica tocou nela, um vapor saiu de sua pele. Ela rangeu os dentes para ele, deu-lhe um empurrão e depois um tapa: ele não fez nada além de sorrir.

E ele era devastador quando sorria. Luzia o tempo todo, como se brasas quentes queimassem dentro dele. Seus cabelos, que iam até o pescoço, brilhavam como fios de cobre que poderiam cortar a pele de Aislinn se ela resolvesse deslizar os dedos neles – não que fosse fazer isso. Mesmo que ele fosse realmente humano, não seria seu tipo – tão bronzeado e bonito que dava medo de tocar, uma arrogância ao andar mostrava que ele sabia exatamente o quanto era atraente. E se movia como se comandasse a tudo e a todos, o que fazia com que parecesse mais alto. Mas não era, de fato, tão alto – não tanto quanto as garotas muito magras do rio ou os estranhos homens com pele de casca de árvore que vagavam pela cidade. Tinha uma altura quase mediana, sendo que ela batia em seu ombro.

Toda vez que ele se aproximava, ela conseguia sentir o odor de flores selvagens, ouvir o farfalhar de galhos de salgueiro, como se estivesse sentada à beira de um lago em um desses dias raros de verão: um vislumbre do verão em pleno início de um inverno gélido. E queria reter aquela sensação, deleitar-se, luxuriar-se nela até que o calor penetrasse sua pele. Aquilo a apavorava, a quase irresistível urgência em se aproximar dele, em se aproximar de qualquer criatura mágica. *Ele* a assustava.

Aislinn caminhou um pouco mais rápido, não chegando a correr, mas mais rápido. *Não corra*. Se corresse, eles a perseguiriam: os seres encantados sempre perseguiram.



Ela se abrigou na Universo dos Quadrinhos, sentindo-se segura em meio às fileiras de estantes de madeira ainda não pintadas que demarcavam a loja. *Meu espaço.*

Todas as noites escapara deles, escondendo-se até que passassem, esperando até desaparecerem. Às vezes eram necessárias algumas tentativas, mas até então havia funcionado.

Ela esperou dentro da Universo, torcendo para que eles não tivessem visto.

Então ele entrou na loja – usando um encanto, escondendo aquele brilho, passando-se por humano –, visível para todos.

*Isso é uma novidade.* E novidades não eram boas, não quando diziam respeito aos seres encantados. Eles passavam por ela – por todos – diariamente, invisíveis e inaudíveis, se assim desejassem. Aqueles realmente poderosos, aqueles que podiam se aventurar na cidade, podiam usar feitiços – manipulação mágica – para ocultar sua verdadeira aparência e assumir, à vista de todos, a forma humana. Esses a assustavam mais do que os outros.

Esse ser mágico era ainda pior: ele lançara um feitiço entre um passo e o seguinte, tornando-se subitamente visível, como se não se importasse nem um pouco em se expor.

Parou no balcão e falou com Eddy – inclinando-se para a frente para poder ser ouvido, por causa da música que saía dos alto-falantes posicionados nos cantos da loja.

Eddy deu uma olhada em sua direção e se voltou para o ser encantado. Ele disse o nome dela. Ela percebeu isso, mesmo sem poder ouvir.

*Não.*

A criatura mágica começou a caminhar na direção dela, sorrindo, o olhar tão seguro quanto o de seus colegas de turma ricos.

Ela se virou e pegou um exemplar de *Pesadelos e contos de fadas* e o apertou contra o peito, torcendo para que suas mãos não tremessem.

– Aislinn, não é? – O Garoto Encantado estava a seu lado, seu braço encostando nela, próximo demais. Ele olhou para a revista em quadrinhos que ela segurava, sorrindo sarcasticamente. – Isso é bom?

Ela se afastou um pouco e o examinou lentamente. Se ele estava tentando se passar por um humano com quem ela gostaria de conversar, falhara. Da bainha de seu jeans estonado a seu pesado casaco de lã, estava engomadinho demais. Ele clareara um pouco seus cabelos cor de cobre para um loiro-acinzentado, escondera aquele estranho rastro de verão, mas mesmo em seu feitiço para se passar por humano, era bonito demais para ser real.

– Não estou interessada. – Ela colocou a revista de volta no lugar e foi para o corredor seguinte, tentando manter o medo sob controle, sem muito sucesso.

Ele a seguiu, resoluto e bem próximo.

Ela não achava que ele a machucaria, não aqui, não em público. Apesar de todas as suas falhas, as criaturas mágicas pareciam se comportar bem quando se passavam por humanos. Talvez fosse medo das grades de aço das prisões humanas. De fato, o motivo não importava: o fundamental é que era uma regra que pareciam seguir.

Mas Aislinn ainda queria correr quando olhava para ele. Parecia um daqueles grandes felinos do zoológico – perseguindo sua presa ao longo da ravina.

A Garota Morta esperava em frente à loja, invisível, sentada no dorso do lobo. Seu semblante era melancólico, os olhos tão cintilantes quanto uma mancha de óleo – com estranhos e esporádicos brilhos de cor em meio a uma poça negra.



*Não encare as criaturas invisíveis, regra número 3.* Aislinn baixou o olhar de volta para a prateleira à sua frente, calmamente, como se não estivesse fazendo nada além de dar uma olhada na loja.

– Vou tomar um café com uma galera. – O Garoto Encantado se aproximou. – Você quer vir?

– Não. – Ela deu um passo para o lado, aumentando a distância entre eles. Engoliu saliva, mas isso não ajudou a amenizar a secura em sua boca, o quanto se sentia apavorada e atraída por ele.

Ele a seguiu.

– Outra noite, então.

Não era, de fato, uma pergunta. Aislinn sacudiu a cabeça.

– Na verdade, não.

– Ela já está imune aos seus encantos, Keenan? – gritou a Garota Morta com uma voz que, embora fosse animada, carregava uma ponta de hostilidade sob as palavras. – Garota esperta.

Aislinn não respondeu: a Garota Morta não estava visível. *Não responda a criaturas mágicas invisíveis. Regra número 2.*

Ele também não respondeu a ela, nem sequer olhou em sua direção.

– Posso te mandar uma mensagem pelo celular? Um e-mail? Qualquer coisa?

– Não. – Sua voz era rude. Sua boca estava seca. Ela engoliu saliva. Sua língua grudou no céu da boca, produzindo um leve estalido quando ela tentou falar: – Não estou interessada mesmo.

Mas estava.

Ela se odiava por isso, mas quanto mais ele se aproximava, mais ela queria dizer *sim, sim, por favor, sim* a qualquer desejo dele. E não devia, não podia.

Ele tirou um pedaço de papel do bolso e rabiscou algo.

– Aqui está o meu. Quando você mudar de ideia...

– Eu não vou mudar de ideia. – Ela pegou o papel, tentando não deixar que seus dedos ficassem muito próximos à pele dele, temendo que o contato pudesse, de alguma forma, piorar as coisas, e o enfiou em seu bolso. *Resistência passiva*, seria o conselho de Vovó. *Apenas ignore e dê o fora*.

Eddy a encarava; a Garota Morta também.

O Garoto Encantado chegou mais perto e sussurrou:

– Eu gostaria muito de te conhecer... – Ele a farejou como um animal, não diferente daqueles cuja aparência era menos humana. – De verdade.

*E essa seria a regra número 1: nunca desperte a atenção dos seres mágicos.* Aislinn quase tropeçou tentando se esquivar – dele e de seu próprio desejo inexplicável em ceder. Chegou a esbarrar na porta de saída quando a Garota Morta sussurrou:

– Fuja enquanto pode.

Keenan observou Aislinn indo embora. Ela não chegou a correr, mas quis. Ele podia sentir isso, seu medo, como as batidas do coração de um animal acuado. Mortais normalmente não fugiam dele, especialmente garotas: apenas uma fizera isso em todos os anos em que vinha participando desse jogo.

Essa, no entanto, sentia medo. A pele dela, já pálida, descorou quando ele foi em sua direção, fazendo-a parecer uma aparição emoldurada por seus cabelos preto-azulados. *Delicada*. Isso fez com que ela parecesse mais vulnerável, fácil de abordar. Ou talvez isso fosse apenas porque ela era muito pequena. Ele imaginou que pudesse encaixar a cabeça dela embaixo de seu queixo e acomodar todo o corpo dela nas



folgas de espaço em seu casaco. *Perfeito*. Ela precisaria de alguma orientação quanto aos trajes – substituir as roupas comuns, que parecia preferir, incluir algumas joias –, mas isso era inevitável nos dias de hoje. Pelo menos ela tinha cabelos longos.

Ela seria um desafio estimulante, também, pelo estranho controle que tinha sobre as próprias emoções. A maioria das garotas que ele escolhera era tão ardente, tão inconstante. Uma vez ele pensara que isso era um bom sinal – Rainha do Verão, paixão ardente. Isso fizera sentido.

Donia interrompeu seus pensamentos:

– Não acho que ela goste de você.

– E daí?

Donia franziu seus lábios azuis – o único ponto de cor em seu rosto frio e branco.

Se ele a analisasse, poderia achar provas das mudanças que se haviam passado com ela – o seu cabelo loiro desbotara, ficara branco como uma tempestade de neve, e a palidez fazia com que seus lábios parecessem azuis demais –, mas ainda era tão bonita quanto quando assumiu o posto de Garota do Inverno. *Bonita, mas não é minha, não como Aislinn será.*

– Keenan – chamou Donia asperamente, uma nuvem de ar gelado escapando junto à sua voz –, ela não gosta de você.

– Mas vai gostar. – Ele saiu da loja e desfez o encanto. Então disse as palavras que já haviam selado o destino de tantas garotas mortais. – Eu sonhei com ela. É a escolhida.

E com isso a mortalidade de Aislinn começou a se esvaír. A não ser que se tornasse a Garota do Inverno, independentemente do que acontecesse, agora ela pertencia a ele.